PORTOGHESE

2° GIORNO

Giornata di Studi

ottobre 2026

in presenza e on-line

ore 16.00 Roma/Ita



IL ROGATE OGGI... E DOMANI. ATTUALITÀ E PROFEZIA DI UN CARISMA



28 MERCOLEDÌ | Suor Giuseppina Musumarra, FDZ

Il "genio femminile" delle Figlie del Divino Zelo e il Rogate. Il carisma in una creativa lettura di genere.

JORNADA DE ESTUDOS

**Tradução feita por inteligência artificial (IA)*

O ROGATE HOJE… E AMANHÃ

ATUALIDADE E PROFECIA DE UM CARISMA

O "gênio feminino" das Filhas do Divino Zelo e o Rogate.

O carisma em uma leitura criativa de gênero.

Irmã M. Giuseppina Musumarra

28 de outubro de 2026

Meu primeiro contato com o tema que me foi confiado não foi dos mais entusiasmantes. Ouvir falar em "gênio feminino" imediatamente me trouxe à mente o eco daquele neofeminismo dos anos 60 que, embora tenha indubitavelmente levado a grandes conquistas históricas e sociais, corria o risco de promover uma homogeneização da mulher em relação ao modelo masculino. Pelo contrário, sempre acreditei que **o verdadeiro ponto de partida seja a pessoa em si**, seja homem ou mulher, fundamentada no valor absoluto da igual dignidade, dos direitos e da igualdade

Fundamento bíblico e antropológico

Assim, comecei a me aprofundar na Palavra de Deus.

"Deus criou o homem à sua imagem;

à imagem de Deus o criou;

homem e mulher Deus os criou". (Gênesis 1, 27)

Ambos são seres humanos, em igual medida o homem e a mulher, ambos criados à imagem de Deus, livres e racionais, capazes de conhecê-Lo e amá-Lo. O princípio fundamental é que o homem é pessoa, em igual medida o homem e a mulher.

A segunda descrição da criação em Gn 2, 22-23 [1] completa o primeiro passo e ajuda a compreender mais profundamente que a mulher é colocada como um outro "eu" ao lado do homem, como uma interlocutora em pé de igualdade. A mulher é imediatamente reconhecida pelo homem como "carne da sua carne e osso dos seus ossos". Essa criatura é parte dele mesmo; foi criada a partir de sua costela. Na língua original, o léxico expressa melhor o conceito. Ela será chamada de ishsah (mulher) porque foi tirada de ish (homem). Agora, o homem tem uma ajuda semelhante e adequada a ele, ao contrário das criaturas vivas do mundo ao seu redor que Deus lhe havia confiado; ambos, desde o início, são pessoas.

Na criação do homem, o Senhor Deus está ciente de que o homem não pode viver sozinho (Gên 2,18), mas em relação a outra pessoa e ao próprio Deus.

" O homem – seja homem ou mulher – é o único ser entre as criaturas do mundo visível que Deus Criador 'quis para si mesmo': é, portanto, uma pessoa. Ser pessoa significa tender à realização de si mesmo (...), que não pode se concretizar a não ser 'por meio de uma entrega sincera de si mesmo'. O modelo dessa interpretação da pessoa é o próprio Deus como Trindade, como comunhão de Pessoas", [2] escreve João Paulo II.

Essa manifestação da doação é realizada por cada ser humano na especificidade própria de ser homem ou mulher. Humanidade significa um chamado à comunhão interpessoal: assim como a mulher deve ajudar o homem, este, por sua vez, deve ajudá-la, em virtude de serem pessoas humanas,

o que contribui e consolida sempre de novo o sentido de sua própria humanidade em toda a sua plenitude, na medida em que foram reciprocamente confiados um ao outro.

A doação recíproca de si na relação encontra sua expressão mais elevada em Maria de Nazaré: **Mãe e Virgem,** as duas dimensões particulares da vocação da mulher, à luz do plano de Deus, coexistem nela.

Na linguagem bíblica (especialmente no Antigo Testamento), há comparações que atribuem a Deus qualidades "masculinas" ou "femininas", confirmando que tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus. Deus gera, mas de maneira espiritual, pois " Deus é espírito", está, portanto, livre das características corporais, tanto masculinas quanto femininas. Nos consagrados e, neste caso, na consagrada, o ato de gerar, por analogia à "maternidade" e à "paternidade" de Deus, é totalmente espiritual.

Diante dessas premissas, fica evidente que, na cultura cristã-católica, a mulher possui igual dignidade, desde a sua criação.

Isso é confirmado pelas palavras, pelos gestos e pelos encontros de Jesus, que soube dirigir-se às mulheres com uma coragem extraordinária para a época, colocando-se em nítida ruptura com os costumes sociorreligiosos da época. No plano da interação dialógica, destacam-se o corajoso diálogo com a samaritana e a abordagem à mulher adúltera, em relação à qual ele aliou a dimensão da misericórdia ao rigor da verdade; insere-se nesse contexto também o encontro com a cananeia, cuja fé ele reconhece e elogia publicamente, assim como o vínculo com Maria e Marta, consideradas amigas e discípulas no mesmo nível do irmão Lázaro. Em um contexto histórico -cultural que excluía a figura feminina do espaço público e no qual a tradição rabínica negava-lhes o acesso ao estudo da Torá, a inclusão ativa das mulheres no discipulado representa uma virada antropológica radical e precoce.

As mulheres foram uma presença constante e corajosa em todos os momentos-chave da história de Jesus, demonstrando uma fidelidade que nunca vacilou, nem mesmo nos momentos mais dramáticos.

Ao longo do Calvário: elas desafiam a multidão para chorar e lamentar por ele, recebendo de Jesus o olhar e a palavra.

Sob a cruz: Maria, a Mãe, permanece ali em pé, firme em sua imensa dor e inabalável na fé, junto com outras mulheres.

No túmulo: Ao amanhecer do primeiro dia da semana, são novamente as mulheres que encontram o túmulo vazio e correm para anunciar que Jesus ressuscitou.

Na primeira comunidade**:** Na sala onde nasce a primeira Igreja, em oração, Maria e as outras mulheres estão presentes de pleno direito junto aos Apóstolos. [3]

João Paulo II escreve ainda:

"Em todo o ensinamento de Jesus, assim como em seu comportamento, nada se encontra que reflita a discriminação contra a mulher, típica de sua época. Pelo contrário, suas palavras e suas obras expressam sempre o respeito e a honra devidos à mulher. […] A atitude de Jesus em relação às mulheres, que encontra ao longo do caminho de seu serviço messiânico, é o reflexo do desígnio eterno de Deus, que, ao criar cada uma delas, a escolhe e a ama em Cristo (cf. Ef 1, 1-15).

Cada uma, portanto, é aquela "única criatura na terra que Deus quis por si mesma". Cada uma, desde o "princípio", herda a dignidade de pessoa justamente por ser mulher. Jesus de Nazaré confirma essa dignidade, recorda-a, renova-a …"[4]

O próprio Paulo, na Carta aos Romanos[5], menciona várias mulheres cuja fé e serviço ele elogia:

- *Febe, nossa irmã, diaconisa da Igreja de Cencre: recebam-na no Senhor, como convém aos crentes, e ajudem-na em tudo o que ela precisar; pois ela também acolheu muitos e até a mim mesmo. Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus… Saudai Maria, que muito fez por vós… Saudai Trifena e Trifosa, que trabalharam para o Senhor. Saudai a queridíssima Perside, que trabalhou para o Senhor. Saudai Rufo […], e sua mãe, que também é minha. Saudai Júlia, Nereo e sua irmã. –*

Escreve Paulo, que não é um mestre nem um pioneiro na abertura em relação às mulheres. É verdade que em Paulo se encontra a famosa frase "nas assembleias, as mulheres devem calar-se", mas gosto de pensar que o Apóstolo, mais do que impor um silêncio absoluto, se referia à necessidade de manter uma certa conduta, em consonância com os costumes da época.

Paulo escreve ainda:

"Já não há judeu nem grego; já não há escravo nem livre; já não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3,28).

A mulher na história da humanidade e na Igreja

Se a consideração pela mulher tivesse sido aplicada de acordo com o desígnio de Deus, não teria havido abusos.

O não reconhecimento do gênio feminino não foi, obviamente, apenas um "monopólio" da Igreja, que o assumiu da sociedade. Se percorrermos rapidamente a história da mulher na humanidade, encontramos figuras extraordinárias: Hipácia de Alexandria, astrônoma, filósofa e matemática do século V, que liderou a escola neoplatônica e foi morta por causa de sua liberdade de pensamento; Artemisia Gentileschi, uma pintora caravaggesca incomum e excepcional do século XVII, que se impôs com seu talento contra os preconceitos da época; Marie Curie, física e química, polonesa naturalizada francesa, capaz de conquistar dois prêmios Nobel em duas disciplinas científicas diferentes. O século XX nos presenteou ainda com Hanna Arendt, filósofa e politóloga alemã que analisou os horrores do nazismo; Edith Stein, filósofa alemã de origem judaica, que se tornou monja carmelita com o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz, falecida nos campos de concentração; Raissa Maritain, ensaísta e poetisa francesa, definida como uma

"contemplativa em caminhada pelas ruas".

No mesmo século, encontramos Frida Kahlo, pintora e revolucionária mexicana que desafiou as convenções sociais e lutou pelos direitos das pessoas com deficiência; Rita Levi Montalcini, neurologista italiana agraciada com o Prêmio Nobel de Medicina; e, por fim, Alda Merini, uma das maiores poetisas do nosso século XX, capaz de unir em seus versos o sofrimento terreno a uma profunda e atormentada busca espiritual.

Mulheres na Igreja

Nos últimos dois séculos, a vida religiosa feminina passou por profundas mudanças, libertando-se de uma dimensão que, por gerações, fora quase exclusivamente monástica.

Na primeira metade do século XIX, surgiram as congregações religiosas,[6] lideradas por uma superiora geral, que, além da "sequela Christi" e de uma espiritualidade própria derivada do Evangelho e do contexto histórico local, se propunham como pessoas capazes de ajudar a resolver os problemas educacionais, assistenciais e sociais de sua época, superando não poucos preconceitos.[7]

Frequentemente, elas se adaptaram para encontrar um ponto de apoio conceitual dentro do sistema, procurando não trair o caráter específico na forma de expressar o apostolado (na época ainda não se falava em carisma) e deixando abertas brechas que pudessem dar espaço à evolução, recorrendo ao Gênesis para justificar a inserção da mulher na sociedade: a mulher criada "para ajudar o homem", e também ao Evangelho: "O que vocês fizeram a mim…" para cuidar dos doentes; "Deixem que as crianças venham a mim…" para a educação de meninos e meninas. [8]

Na primeira década do século XX, amadureceu um projeto que concedia à mulher a possibilidade de viver uma vida religiosa no mundo para seguir sua vocação, com independência econômica, com a possibilidade de viver sozinha, em família ou em um apartamento, exercendo qualquer trabalho, inclusive sindical ou político. São os que hoje reconhecemos como institutos seculares.

Na última etapa, iniciada após 1960, abre-se para as religiosas a possibilidade de viver em comunidades mistas. Nessas realidades, supera-se a tradicional separação de papéis entre homens e mulheres. Além disso, em algumas dessas comunidades, está se abrindo para as mulheres a perspectiva de assumir cargos de direção: uma oportunidade inovadora que, no entanto, ainda se encontra em fase de estudo e experimentação.

A evolução da vida religiosa feminina não foi um simples reflexo passivo das mudanças sociais, mas, muitas vezes, um motor primordial de emancipação e inovação; em alguns ambientes, foram as religiosas que anteciparam e promoveram a emancipação das mulheres.[9]

Há cerca de trinta anos, na sociedade e na Igreja, a mulher é mais valorizada; embora, muitas vezes, ainda apenas nas palavras, se elogie o "gênio feminino", mas, na prática, deixa-se pouco espaço para esse gênio.

Gostaria de compartilhar com vocês alguns trechos de um documento do bispo Dom Albert Battandier, consultor da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. Estamos em 1890.

"A mulher cristã, seja religiosa ou leiga, não foi feita para dirigir, mas sim para ser dirigida, e, de fato, não se pode esperar de uma freira, por mais instruída, erudita e prudente que seja — supondo-se que possua essas qualidades e esse conhecimento necessários para exercer a direção das almas." E ainda: "Este Instituto acabaria por tomar o lugar do clero, ao qual somente foi confiada por Deus a condução dos fiéis. Essa tendência de invasão da mulher em um campo que não é, nem jamais poderá ser, seu, deve ser considerada de grande importância.

[10]

Para compreender melhor o que escreveu o bispo Battandier, a ação pastoral do Instituto das Servas do Sagrado Coração, fundado em 1865 por Santa Catarina Volpicelli, divide-se historicamente em três ramos ou "famílias": as **Servas** (religiosas que praticam a vida em comunidade), as **Pequenas Servas** (consagradas que permanecem vivendo em suas famílias de origem) e as **Agregadas** (leigas que compartilham e apoiam a espiritualidade do Instituto). As Pequenas Servas e as Agregadas eram orientadas pelas religiosas em sua própria espiritualidade e no apostolado. E isso era inadmissível para a mentalidade da época, para quem não tinha uma perspectiva de abertura para o futuro.

Não é um caso isolado; também em nossa família religiosa, houve pretensões e tentativas de ditar as diretrizes para a condução do Instituto feminino. [11]

A Igreja vive no seio da história, sempre em peregrinação e em caminho, e com ela também a teologia; no mesmo período, há homens que continuam a olhar para o passado e para as tradições, sem querer questionar e compreender as "conquistas" da sociedade, e outros que, como profetas, fazem brotar o futuro.

Ao percorrer rapidamente a história da Igreja, salta imediatamente aos olhos o valor extraordinário do **"gênio feminino"**, encarnado por mulheres capazes de deixar uma marca indelével.

É impossível não começar por **Santa Hildegarda de Bingen**, monja alemã nascida por volta do ano mil. Dotada de uma personalidade eclética e fora do comum, foi simultaneamente cientista, fitoterapeuta, médica, teóloga, poetisa e musicista. Hildegarda frequentemente entrava em conflito com o clero de sua época, mas teve o mérito extraordinário de abalar o modelo monástico da época — embora este ainda permanecesse inabalável por muito tempo —, preferindo uma vida de pregação aberta ao mundo exterior à vida mais tradicionalmente claustral e sendo, por fim, reconhecida pelo Papa Eugênio III, que a autorizou a falar em público.

No século XIV, encontramos **Santa Catarina de Siena**, terciária dominicana. Apesar de não ocupar cargos eclesiásticos e de não contar com apoio político, Catarina conseguiu uma façanha histórica: convencer o Papa Gregório XI a trazer de volta a sede pontifícia para Roma em 1376. Para isso, não hesitou em escrever-lhe inúmeras cartas e em viajar até Avignon, onde os papas residiam desde 1309. Lá, ela falou ao Pontífice — como lembrou Bento XVI — "com vigor e eficácia", impulsionada pela certeza de que o retorno do Papa renovaria a Igreja e pacificaria a Itália.

Chegando à segunda metade do século XVI, destaca-se a figura de **Santa Teresa de Ávila**. Essa carmelita espanhola, mística profunda e teóloga por inspiração divina, marcou a história da espiritualidade a ponto de se tornar a primeira mulher de todos os tempos a ser proclamada Doutora da Igreja.

Na época contemporânea, o testemunho passa para **Madre Teresa de Calcutá**.

Dedicando cada instante de sua vida ao atendimento dos mais pobres entre os pobres, ela se tornou, aos olhos do mundo inteiro, o símbolo universal do amor desinteressado e da caridade sem fronteiras.

Por fim, não se pode esquecer da italiana **Chiara Lubich**, mística e fundadora do Movimento dos Focolares. Guiada por um profundo carisma ligado à unidade, Chiara dedicou sua vida à promoção da fraternidade universal, construindo pontes e favorecendo o diálogo entre diferentes culturas, religiões e países.

Mesmo diante de graves discriminações sociais, as mulheres santas agiram de forma livre, fortalecidas por sua união com Cristo.

Esses são apenas alguns dos nomes mais conhecidos, mas a história é rica em mulheres — santas, freiras, mães, voluntárias e missionárias — que amaram profundamente a Igreja.

Mesmo nos dias de hoje, o "gênio feminino" enriquece a Igreja por meio do testemunho corajoso, humilde e perseverante de mulheres, guiadas pelos desafios que brotam do coração.

Magistério da Igreja, de Paulo VI a Francisco

· **Paulo VI** dedicou algumas intervenções às mulheres: a Mensagem na encerramento do Concílio Vaticano II, em 8 de dezembro de 1965, definindo as mulheres como guardiãs da vida e da paz, exortando-as a salvar a paz no mundo e elogiando a capacidade feminina de tornar a verdade "doce, terna e acessível"; seus textos refletiam a visão tradicional da época, mas estavam atentos à dignidade da mulher. Em 1973, constituiu uma comissão específica de estudo sobre a mulher na sociedade e na Igreja para aprofundar o papel e a participação das mulheres. Ao encerrar os trabalhos da comissão, em 1976, reiterou que o homem e a mulher foram criados em um "único plano de amor".

Na carta apostólica "Octogesima adveniens", o Papa Montini dedicou uma passagem às mulheres. O Pontífice pede que cessem as discriminações e que as legislações sigam "no sentido da proteção da vocação própria da própria mulher e, ao mesmo tempo, do reconhecimento de sua independência como pessoa, da igualdade de seus direitos no que diz respeito à participação na vida cultural, econômica, social e política".

No ano anterior (1970), ele havia proclamado, com poucos dias de diferença entre uma e outra, duas mulheres doutoras da Igreja – Santa Teresa de Ávila e Santa Catarina de Sena

· **Papa João Paulo I** não escreveu um documento oficial ou uma encíclica específica sobre as mulheres, devido ao seu pontificado muito breve; podemos, porém, lembrar um trecho de seu famoso discurso, quando diz: "Deus é pai; mais ainda, é mãe",[12] associando a Deus a capacidade de compaixão, cuidado e ternura típica das mães.

· Dez anos depois, **João Paulo II**, por ocasião do Ano Mariano, dedicou uma carta apostólica sobre a dignidade e a vocação da mulher, que citei várias vezes ao longo desta intervenção, a "Mulieris Dignitatem ". Essa encíclica é a *Magna Charta* da teologia da mulher; é um aprofundamento dos fundamentos antropológicos e teológicos necessários para resolver os problemas relativos ao significado e à dignidade do ser mulher. Esse documento representa um marco para a Igreja do ponto de vista doutrinário, mas, na prática, ainda há muito caminho a percorrer[13] . A expressão ***"gênio feminino"*** foi cunhada pelo próprio João Paulo II para indicar as qualidades únicas da mulher:

intuição, generosidade, uma sensibilidade especial e capacidade de acolhimento do outro. Ele soube reconhecer com sinceridade que, ao longo da história, até mesmo homens da Igreja obstinaram o caminho da mulher e menosprezaram seu valor. Sempre expressou gratidão pelas diversas dimensões femininas: a mulher-mãe, a mulher-esposa, a mulher consagrada, a mulher como filha e irmã, a mulher trabalhadora.

· **Bento XVI**: seguindo os passos de João Paulo II, reconheceu o "gênio feminino", destacando a sensibilidade, a força e a inclinação natural da mulher para a defesa da vida; em 2010, dedicou 13 catequeses às grandes figuras femininas da Idade Média e à sua contribuição teológica, mística e cultural; além disso, proclamou Santa Hildegarda de Bigen.

· **Papa Francisco**, com sua linguagem comunicativa, imediata e informal, condenou repetidamente a violência e a exploração das mulheres. Ele não escreveu uma encíclica específica, mas encontramos referências na *Evangelii Gaudium*, [14], na *Amoris Laetitia* e em numerosos discursos específicos [15]; no entanto, ele foi mais rico em gestos do que em palavras: desde a lavagem dos pés estendida, pela primeira vez, também às mulheres, até as visitas a prisões femininas, a criação de uma Comissão sobre o diaconato feminino e o número cada vez maior de mulheres nomeadas para cargos de destaque nos Dicastérios do Vaticano, e o atual Pontífice **Leão XIV** continua nessa linha.

O Padre Annibale e sua visão sobre a mulher e a Filha do Divino Zelo

O Padre Annibale considerava com estima e valorizava as mulheres, que ocuparam um lugar de destaque em sua vida espiritual e na colaboração com as atividades do apostolado.

Desde jovem, ele frequentava as últimas três monjas que restavam no Mosteiro do Espírito Santo, em Messina, onde mais tarde escolheu receber a ordenação sacerdotal.

Seu desejo de santidade e de buscar o rosto de Deus na terra levou-o a procurar mulheres conhecidas por sua vida de santidade, místicas; que mais tarde ele consideraria cofundadoras espirituais das Filhas do Divino Zelo. Menciono apenas ***Irmã Maria Luisa de Jesus***, do Mosteiro de Maria Stella Mattutina, em Nápoles, que conheceu quando tinha apenas 19 anos. Ele foi visitá-la em Nápoles no dia 26 de julho de 1870. Assim ele escreve:

"Meu coração palpitava de emoção sagrada diante da grade do mosteiro de Stella Mattutina, na presença da humilde Serva do Senhor, a qual, dotada como era do espírito do Senhor, antecipou meu futuro com tudo o que seu Esposo Celestial lhe inspirava. Já se passaram cinquenta e dois anos desde que realizei meu ideal, ou seja, ver uma santa viva; na verdade, mais do que vê-la e falar com ela, sentir seu amor sagrado durante cinco anos, o tempo que ela ainda viveu; desfrutar, de Messina, de uma correspondência frequente por cartas e, depois que ela ascendeu aos abraços eternos de Deus, receber de suas piedosas filhas espirituais, como relíquias insignes, seu véu branco e o candido sòggolo, que guardo desde então como lembranças preciosas." [16]

A irmã Maria Luisa foi uma guia espiritual precisa, pontual e maternal. Ela se interessava por sua saúde, dava-lhe conselhos práticos, exortava-o a exercer seus dons poético-espirituais e acompanhou-o nos primeiros passos de seu sacerdócio. [17]

Em seu discurso sobre Santa Clara de Assis, Annibale escreve assim:

"

Mas há um terreno no campo espiritual em que o homem não pode atuar: e aí é necessária a mulher; há obras de santificação que são próprias da mulher; há graças particulares que a Divina Providência reservou para o ministério da mulher. Assim como na ordem civil e doméstica a influência da mulher preserva, desenvolve e realiza a obra do homem, assim costuma acontecer na ordem moral." [18]

No início da Obra em Avignon, o Padre Annibale, após ter fundado o primeiro orfanato, contou com várias colaboradoras, mas a mais valiosa entre elas foi, sem dúvida, a senhora ***Laura Jensen Bucca***; nos anos seguintes à fundação do Instituto das Irmãs, nos primeiros anos do século XX, também Andreina Battizzocco, de Pádua, da qual se conserva uma rica correspondência.[19] Falarei apenas um pouco sobre a Sra. Jensen. Era uma nobre de Messina, casada com Guglielmo Jensen, de origem inglesa e de confissão protestante, um homem de grande bondade, dedicado ao seu trabalho. Aos 25 anos, sua esposa havia ouvido o padre Annibale durante uma homilia, em Messina, e, a partir daquele momento, ele se tornou seu guia espiritual. Ela já tinha três filhas, era professora do ensino fundamental, uma mulher inteligente e empreendedora.

Foi uma colaboradora entusiasmada e diligente, tanto ao orientar as meninas do Bairro Avignone no trabalho, quanto ao buscar recursos para o seu sustento — graças também aos seus contatos na alta sociedade de Messina —, mas também ao evangelizar as jovens, catequizá-las e inflamá-las no espírito de piedade. Foi ela quem compôs o canto "Céus dos céus, abri-vos…" para a primeira vinda de Jesus no sacramento. O Padre concedeu-lhe total confiança e liberdade na organização das oficinas e na gestão do orfanato. Foi ela quem o instou a fundar um Instituto com as jovens mais fervorosas, quando o Padre Annibale ainda não as considerava prontas para dar esse passo, pois dizia que elas ainda não saboreavam plenamente o Senhor.

Devido à insistência das jovens e à necessidade, o Padre Annibale deu início à Obra Feminina em março de 1887. Logo o caráter independente da Sra. Jensen se destacou, substituindo o Fundador em algumas decisões. Após alguns desentendimentos sérios, a Sra. Jensen se retirou. A atitude educativa do Padre Annibale, apesar de sua idade ainda jovem, foi sábia e ponderada, demonstrando grande respeito e estima pela Sra. Jensen.

ü Annibale M. Di Francia envolveu as jovens e as convidou a rezar para que a Sra. Jensen voltasse.

ü Ele permaneceu aberto à possibilidade de seu retorno, preparando as jovens noviças para essa possibilidade.

ü A Sra. Jensen, além de ser uma mulher generosa, que se dedicava de coração, era inteligente e uma excelente organizadora; o Padre reconhecia e valorizava esses talentos, considerando-os úteis para a Obra.

ü **O Padre Annibale, mesmo quando a repreendia por um erro, mantinha sempre uma atitude paternal.** Nunca a humilhava, nem deixava de demonstrar sua estima; pelo contrário, estava pronto a devolver-lhe seu papel, desde que ela compreendesse e aceitasse suas condições. Essas condições nunca eram imposições: o erro era, de fato, explicado com clareza e honestidade, por meio do diálogo e do raciocínio. Ao fazer isso, o Padre inspirava-se no modelo supremo de Jesus. O Padre Annibale aplicava essa maneira de agir constantemente também nas relações com outras pessoas: homens e mulheres.

Houve, posteriormente, um retorno, mas de curta duração, até que Jensen partiu definitivamente, fundando seu próprio Instituto.

Após a saída de Jensen, eles continuaram a estimar-se mutuamente e a trocar correspondência. O Padre continuou a nutrir um forte sentimento de gratidão por todo o bem que Jensen havia feito e quis retribuir com o "Diploma de afiliação",[20] como reconhecimento do bem feito e uma retribuição espiritual.

Para ambos, a estima mútua perdurou para sempre. A Sra. Laura Jensen Bucca faleceu em 1930, três anos após a morte do Padre, e deixou ao Cônego Vitale, em benefício dos orfanatos, a única casinha que lhe restava de seu patrimônio, em Gesso, um vilarejo próximo a Messina.[21]

Madre Nazarena Majone e Madre Carmela D'Amore.

O Padre Annibale dizia sobre elas: "Esses dois corações eram um só no coração de Jesus"; elas foram as duas primeiras Filhas do Divino Zelo, fundamento da nova Congregação, "pedras fundamentais da edificação mística", assim definidas pelo Fundador.

Elas entraram no Bairro Avignone em 14 de outubro de 1889, vindas de Graniti (Me). Imediatamente ficaram fascinadas pela santidade do Fundador. Na Positio Super Virtutibus[22] da Madre M. Nazarena está escrito, a respeito da influência do Padre Annibale sobre Maria Majone, à qual mais tarde foi dado o nome de Nazarena:

"Seus discursos, seus sacrifícios, o espírito de caridade que a animava, atraíram-na, cativaram-na, subjugaram-na suavemente. Ela, como dizia, compreendeu que se encontrava na presença de um santo e, em sua alma, pura e inocente — como a conservou até a morte —, não buscava senão a santidade e o amor de Deus. […] Di Francia compreendeu que aquela era a criatura que o Senhor lhe enviava para ajudar e apoiar a obra feminina, e pensou em cultivá-la espiritual e intelectualmente".

O mesmo pode ser dito da companheira Carmela D'Amore, cuja obediência era fruto do fascínio, não do dever, mas sempre fortemente alimentada pela fé.

Em ambas, o Padre Annibale depositou sua confiança; inicialmente, confiou a direção da comunidade feminina à Irmã M. Carmela, assim ele escreve no Elogio Fúnebre:

"Ao falar de Carmela, sou obrigado a associar a ela a companheira, que o Senhor queira ainda nos conservar por muito tempo. Será que essas duas eleitas no Senhor se desanimaram? (O Padre se refere à pobreza do Bairro de Avignone) Será que a desilusão as fez recuar? Nada disso. Elas se entregaram a Jesus, pegaram no arado, exatamente como diz a frase do Evangelho, e não queriam voltar o olhar para trás; deixaram para trás os confortos e as comodidades de suas famílias,

e já haviam se apaixonado pela pobreza de Jesus Cristo e pelo sacrifício por amor a Ele e pelas almas. Quanto a Carmela D'Amore, logo percebi que havia nela uma aptidão especial para a administração da Casa nascente, e confiei-lhe esse cuidado. Devo dizer que fiquei maravilhado ao ver como, em pouco tempo, ela desenvolveu uma perspicácia digna de uma freira experiente colocada à frente de uma instituição" .[23]

Mas, após alguns anos, devido a invejas e calúnias, o padre Annibale foi convidado pelo bispo a destituí-la. O padre, embora não concordasse, obedeceu e a enviou para um período de descanso junto à sua família, mantendo sempre contato, na expectativa de que a situação se resolvesse para que ela pudesse retornar. A Irmã M. Carmela obedeceu sem hesitação; recentemente, foi dito que a virtude predominante da Irmã Carmela foi a obediência, um tema recorrente que marcou toda a sua vida. De fato, algum tempo depois, ela foi reintegrada e nomeada superiora na casa de Taormina, que administrou "com sabedoria", e posteriormente em Oria e depois em Trani, onde faleceu. A estima do Fundador por ela também se manifestou com a nomeação de Mestra das noviças; temos notícia disso em uma carta que o Fundador escreveu ao Pe. Palma, na qual, entre outras coisas, ele o informa que:

“Nosso Noviciado feminino é um *flores apparuerunt in terra nostra* [Ct 2, 12]! Temos uma, a Irmã Gioacchina, em Messina; sete em San Pier Niceto; quatro em Oria. Como seria importante tê-las todas juntas! *A Irmã Maria Carmela revela-se uma Mestra de noviças piedosa, boa, perspicaz e prudente!”* ***[24]***

Por ocasião das comemorações do onomástico da Madre M. Nazarena, na carta de felicitações ele escreve:

“[…] E da sua cooperação me glorio no Senhor, pois a senhora tem sido uma filha dócil e obediente, e diria quase uma companheira fiel nas vicissitudes ora tristes, ora alegres deste Instituto, nos tantos sacrifícios que enfrentamos por aquele santo ideal que nos domina, consolados pela grande Esperança da realização dos bons desejos”. [25]

Em reconhecimento à dedicação à obra, o Padre anunciou e organizou solenidades para comemorar o vigésimo quinto aniversário de Profissão Religiosa da Madre Nazarena, na época Madre Geral do Instituto (19 de março de 1917). No final da carta de 10 de fevereiro, ele observa que:

“em 19 de março também se comemora as Bodas de Prata da Reverenda Madre Irmã Maria Carmela D’Amore, conterrânea da Madre Geral, a qual, Irmã Maria Carmela, ingressou na Instituição no mesmo dia e, em 19 de março, professou junto com a referida Superiora. Também ela, pelos muitos serviços prestados à Instituição, merece que essa auspiciosa data não passe despercebida”. [26]

A relação entre o Padre Annibale e a Madre M. Nazarena foi rica e significativa ao longo dos trinta anos que viveram juntos, compartilhando ideais, espiritualidade, projetos, esperanças e dificuldades de todo tipo, como ele mesmo escreve na carta já citada, por ocasião de seu onomástico.

Em 1906, o Padre Annibale, em um discurso às mulheres da aristocracia de Messina, expressa seu ideal de mulher consagrada à vida religiosa:

“Hoje, a freira não está mais confinada entre quatro paredes: ela está em contato com a sociedade, deve responder às exigências de um século crítico, irônico e descrente; ela deve honrar o hábito que veste, deve resplandecer de virtude, de modéstia, de prudência, de caridade e também de inteligência e de conhecimento! […]

Entre as jovens postulantes desta Comunidade, que aqui se reuniram vindas de vários países e somam cerca de trinta, já há algum tempo foi iniciado um curso de estudos. Nele se estuda literatura italiana, história, geografia, aritmética e língua francesa. Considerei, além disso, que as belas-artes são o esplendor do hábito religioso, e nossas jovens, além de diversos tipos de trabalhos femininos, aprendem desenho, pintura e música”.[27]

Mas o ideal nem sempre pode se traduzir em realidade; esse era o desejo do Padre Fundador, e houve alguns breves começos de preparação cultural, mas, às vezes, as exigências da atividade apostólica prevaleceram: as novas casas que eram abertas, os escassos recursos financeiros. Com o generalato da Madre M. Cristina Figura, os estudos para as religiosas começaram a ser mais sistemáticos, mas duraram muito pouco, pois a Madre Geral que a sucedeu, a Madre M. Ascensão Carcò, não deu continuidade a essa linha e governou o Instituto de 1932 a 1945.

O "gênio feminino" das Filhas do Divino Zelo e o Rogate

O "gênio feminino" no Rogate manifestou-se desde o início das primeiras Filhas do Divino Zelo na oração e na ação rogacionista, em uma expressão vital e geradora, a serviço da colheita na normalidade do cotidiano, vivido com simplicidade e sabedoria do coração.

A Madre Nazarena soube encontrar um equilíbrio entre a fidelidade ao Pai Fundador e a originalidade, inteiramente feminina e maternal, que soube transmitir à comunidade feminina das Filhas do Divino Zelo.

O Padre Cristoforo Bove, relator da causa de beatificação da Madre Nazarena, escreve:

"O caráter maternal de suas virtudes e de sua forma de estar entre os pequenos e os últimos, o zelo pelas almas e o próprio matiz feminino de sua santidade encontram sua forma qualificante na espiritualidade do Rogate. Madre Nazarena é uma "Filha do Divino Zelo", pertence a uma família religiosa que, única na Igreja, juntamente com a família irmã dos Rogacionistas, captou a ansiedade redentora de Cristo, que se compadeceu ao ver as multidões abandonadas como um rebanho sem pastor. O "zelo" dessa mulher tem origem no do Mestre divino e, de seu mandamento, extrai ainda o remédio da oração que implora pelos "trabalhadores da colheita". A edificação espiritual da Venerável é moldada pelo Rogate e, por meio dele, confere à sua mensagem ao povo cristão e à própria sociedade contemporânea uma atualidade pungente.

A perspectiva vocacional, com suas ricas variações conceituais e concretas, é a alegre novidade que Madre Nazarena traz à Igreja. O carisma de Santo Aníbal *celebra nela a primeira que dele fez a tradução mais fecunda e original na linha do gênio feminino"*. [28]

Na Madre Nazarena, em primeiro lugar, e em todas as Filhas do Divino Zelo de ontem e de hoje, o "gênio feminino" é moldado pela inteligência e pelo zelo do Rogate. É uma condição natural que ilumina todo o seu ser.

Este é o passado e também o presente.

Eu, por minha vez, gostaria antes de tudo de fazer um desejo, um auspício para hoje e para o futuro, oferecendo algumas reflexões que possam expressar cada vez mais e melhor o "gênio feminino" das Filhas do Divino Zelo, enraizado no Rogate.

Que contribuição a Filha do Divino Zelo pode dar ao Rogate?

Ou talvez seja melhor nos perguntarmos: que contribuição a Filha do Divino Zelo já dá ao Rogate?

§ Viver os sentimentos do Coração de Jesus, suas dores íntimas: a perda das almas, a falta de bons trabalhadores, seu sofrimento por aqueles que sofrem com as guerras, a fome, as calamidades naturais e as discriminações, mas não de forma genérica ou coletiva, e sim em cada pessoa que encontramos em nosso caminho, com aquelas nuances peculiares da mulher, da mãe. O Padre Annibale afirmava que consolamos o Coração de Jesus "socorrendo a humanidade aflita", pois o Senhor sofre naqueles que sofrem.

§ A compaixão, não apenas pela oração, mas ao compartilhar o sofrimento do irmão ou da irmã, tornando-se concreta pela escuta, pela empatia, pela compreensão da angústia alheia, pelo alívio, pela

defesa e proteção, seja quem for, pois todos são missas e todos nós somos missas. Deixar-se levar pela mesma compaixão de Cristo.

§ A ternura, sentimento próprio, desde sempre atribuído à mulher. Pensemos em Rembrandt, o artista holandês, que por volta de 1669, na pintura *O Retorno do Filho Pródigo*, retratou a mão esquerda do pai com uma mão feminina. "De Maria começa a 'revolução da ternura', pois Jesus se espelhou em seus olhos logo ao nascer, recebeu suas carícias"[29]; assim deve agir a Filha do Divino Zelo com a colheita, também porque, assim, ajuda a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós.

§ Delicadeza e sensibilidade difundem um clima de serenidade e harmonia que auxilia e enriquece o crescimento pessoal e a educação das crianças e dos jovens, traduzindo-se no autêntico poder do cuidado.

§ Ter um olhar que vai além, como as mães. Diante dos erros, dos limites ou das fragilidades dos filhos, elas têm um horizonte mais amplo. Elas enxergam o potencial deles e ajudam a fazê-lo florescer; com sua sensibilidade e intuição, sabem ouvir as necessidades profundas de cada um, sempre abertas à esperança para ajudar a descobrir os próprios talentos e a própria singularidade, visando a construção de um futuro condizente com a personalidade de cada um. Ter um olhar indulgente, cheio de benevolência e confiante em relação aos mais frágeis.

Penso no Padre Annibale, que "viu" no menino de rua napolitano, Carlo Levi, a bondade daquele coração e a inteligência. Dessa estima, desse seu cuidado, manifestou-se uma vocação sacerdotal: o Pe. Redento.

§ Maternidade espiritual e sacerdócio. No pensamento do Padre Annibale, o sacerdócio era a vocação por excelência, em consonância com a eclesiologia de sua época. Por isso, as Filhas do Divino Zelo são explicitamente chamadas à maternidade espiritual, voltada para gerar santos sacerdotes que garantam a continuidade da função sacramental e sejam testemunhas da mensagem de salvação no mundo. Assim como toda mãe que primeiro gera e depois cuida, a Filha do Divino Zelo — ou a mulher que abraçou o comando divino do Rogate — tem o dever de zelar pelos presbíteros iteri por meio da oração. Em nossa intercessão diária, nunca deve faltar um pensamento pelos sacerdotes que vivem momentos de fragilidade. O Senhor da Colheita deve ser invocado por:

- os sacerdotes doentes ou idosos, que enfrentam o declínio das forças físicas,

- aqueles que sofrem com a solidão,

- aqueles que atravessam uma crise vocacional ou ainda aqueles que estão feridos por decepções pastorais ou por injustiças sofridas.

§ Ter como modelo Maria, a Divina Superiora, a Mãe, significa compreender que a maternidade de toda mulher e, portanto, da Filha do Divino Zelo, não é apenas física, mas deve ser entendida à luz do Evangelho. É uma maternidade semelhante à de Maria, que levava tudo a sério, guardava tudo com amor em seu coração e confiava tudo a Deus. Além disso, no ensinamento de Cristo, a maternidade está ligada à virgindade, e Maria é a primeira pessoa em quem essa nova consciência se manifestou. A Filha do Divino Zelo vive, assim, a maternidade do espírito, que se expressa de múltiplas formas: em primeiro lugar, a de gerar, por meio da oração e da oferta, novos obreiros do Evangelho.

§ Ser mulheres capazes de ler a história, os acontecimentos políticos atuais do mundo e do território em que vivem, e de compreender o futuro do mundo para compreender e servir melhor a colheita.

Conclusão

Para concluir, espero que essas reflexões tenham sido uma oportunidade para guardar e expressar cada vez melhor o "gênio feminino" à luz do carisma. É nossa responsabilidade e, ao mesmo tempo, nossa beleza.

É o dom que somos chamadas a renovar a cada dia, para sermos verdadeira profecia na Igreja e no mundo, guiadas pelo olhar solícito de Maria, Mãe do Rogate.

Confiamos na criatividade infinita do Espírito Santo para nos abrirmos sempre à esperança de um mundo habitado por trabalhadores e trabalhadoras que anunciem a boa nova do Evangelho, para sabermos ver campos dourados de trigo, mesmo quando ainda é inverno.

BIBLIOGRAFIA

Sagrada Escritura e Magistério da Igreja

A SAGRADA BÍBLIA de Jerusalém, 1974, EDB

FRANCISCO *Evangelii Gaudium*, n.ºs 103–104, Exortação Apostólica, 2013

JOÃO PAULO II *Mulieris Dignitatem*, Carta Apostólica, 1988

Escritos do Fundador

ANNIBALE M. DI FRANCIA *Discursos*, Escola Tipográfica Ant. Cristo Rei – Messina 1970

ANNIBALE M. DI FRANCIA *Escritos*, Vol. VIII Correspondência (1901–1906) Editora Rogate – Roma 2019

ANNIBALE MARIA DI FRANCIA *Escritos*, Vol. IX – Correspondência (1907–1909), Editora Rogate – Roma 2020

Escritos sobre o Fundador e sobre o Instituto das Filhas do Divino Zelo e dos Rogacionistas

BOVE Cristoforo *Madre Nazarena. Uma santidade feminina* Coleção "Nazarena Majone", Ano 2022, n.º 65 Filhas do Divino Zelo – Roma

VITALE Francesco *O Cônego Annibale Maria Di Francia*, Ed. Rogate, Roma 1994

TUSINO Teodoro Padre Annibale Maria Di Francia – Memórias biográficas – Segunda parte - Editora Rogate, Roma, 1996

TUSINO Teodoro Padre Annibale Maria Di Francia – Memórias biográficas – Quinta parte - Editora Rogate, Roma, 2017

- Circular *Os Rogacionistas e as Filhas do Divino Zelo,* 1950

GRAZIANO Rosa *Um coração vigilante. Madre Carmela D'Amore,* Coleção Lâmpada da Memória n.º 1, Roma, 2003

GUERRERA Diodata *Seu ideal de freira,* Coleção Padre Annibale Hoje n.º 7, Roma, 1987

VIRZÌ Concetta *Promotora da Mulher* - Coleção Padre Annibale, hoje Nova série n.º 6, Roma, 2002

Estudos

FRANCESCO (Jorge Mario Bergoglio) *Você é única – Hino ao gênio feminino* Livraria Pienogiorno, 2024. Antologia de discursos e frases do Papa Francisco sobre a mulher.

GERANIO, Caterina. *Os duzentos anos da Família Religiosa Canossiana*, Vol. I (1808 – 2008), Roma, 2007

ROCCA Giancarlo *Mulheres religiosas – Contribuição para uma história da condição feminina na Itália nos séculos XIX e XX*, Roma 1992

[1] "Então o Senhor Deus fez com que um torpor caísse sobre o homem, que adormeceu; tirou-lhe uma das costelas e fechou a carne em seu lugar. O Senhor Deus formou, com a costela que havia tirado do homem, uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem disse: 'Esta, sim, é carne da minha carne e osso dos meus ossos. Ela será chamada mulher, pois foi tirada do homem'.

[2][2] JOÃO PAULO II *Mulieris Dignitatem* n. 7 Carta Apostólica - 1988

[3] At 1, 14 – Todos eles perseveravam unânimes em oração, juntamente com as mulheres e Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

[4]

JOÃO PAULO II Idem n. 13

[5] Rm 16, 1-2; 6-7; 12-13; 12.15

[6] As novas congregações foram aprovadas em 1900 com a *Conditae Christo* e definitivamente com o Código de Direito Canônico de 1917.

[7] Cf. Geranio C. *Os duzentos anos da Família Religiosa Canossiana,* Vol. I (1808 – 2008), Roma, 2007

[8] No sul da Itália, a promoção das religiosas ocorreu com atraso em relação ao norte, ao centro ou a outras regiões da Europa; somente após 1915 os institutos passaram a enviar suas religiosas para estudar na universidade e a abrir missões no exterior. Em nosso Instituto, isso começou com o generalato da Madre M. Espedita Ambrosini; já estávamos na década de 1950.

[9] Especialmente no Vêneto, na Lombardia e em outras regiões do Norte, foram as Canossianas que promoveram a emancipação feminina.

[10] BATTANDIER A. *Pia União das Servas e Oblatas do Sagrado Coração* Relatório de 1º de fevereiro de 1890, p. 11, citado por G. Rocca – Mulheres religiosas – Roma 1992

[11] TUSINO, T. Circular *Os Rogacionistas e as Filhas do Divino Zelo*, 1950

[12] Ângelus, 10 de setembro de 1978

[13] Na Quinta-feira Santa seguinte à promulgação da *Mulieris Dignitatem*, João Paulo II enviou a todos os sacerdotes da Diocese de Roma a carta pastoral.

[14] FRANCISCO **Evangelii Gaudium** nn. 103–104 Exortação apostólica 2013

[15] Cf. FRANCISCO (Jorge Mario Bergoglio) *Você é única – Hino ao gênio feminino* Livraria Pienogiorno 2024 Antologia de discursos e frases do Papa Francisco sobre a mulher.

[16] VITALE F. O Cônego Annibale Maria Di Francia, p. 48 Roma 1994

[17] ANNIBALE M. DI FRANCIA *Discursos*, pp. 253–254, Messina, 1970

[18] Ibid., p. 245

[19] ANNIBALE M. DI FRANCIA *Escritos*, Vol. IX, *Correspondência* (1907–1909), Roma, 2020

[20] "O abaixo assinado, na qualidade de Preposito Geral da *Pia Obra dos Interesses do Coração de Jesus* abençoado, e a abaixo assinada, Preposita Geral da Comunidade Feminina da referida Pia Obra, conscientes do quanto a piedosa *senhora Laura*, viúva *Jensen*, nascida Bucca, amou esta Pia Obra em seus primórdios e trabalhou com grandes sacrifícios em prol da mesma, inclusive com recursos financeiros, oferecem à referida,

também em nome das duas respectivas comunidades religiosas, masculina e feminina, *afiliação completa* espiritual da referida Pia Obra, com ampla e total participação de todos os bens espirituais, obras, esforços, práticas de piedade, exercícios de devoção e mortificação, orações, frequência aos sacramentos e de tudo o que agrada ao Senhor Jesus, com a graça Dele, que nela se realiza. Amém. Dado em Messina, no dia 19 de março de 1922"

[21] TUSINO T. *Padre Annibale Maria Di Francia – Memórias biográficas* – Segunda parte - pp. 23-36 Editora Rogate, Roma, 1996

[22] NM *Positio Super Virtutibus*, vol. I, p. 319

[23] ANNIBALE M. DI FRANCIA *Discursos* pp. 178-179

[24] ANNIBALE M. DI FRANCIA *Escritos* Vol. IX p. 589, Carta de 12 de novembro de 1909; a citação do Cântico dos Cânticos poderia sugerir que se refere à Madre Carmela, à sua reintegração. O versículo diz o seguinte: *As flores surgiram nos campos, o tempo do canto voltou […] em nosso campo.*

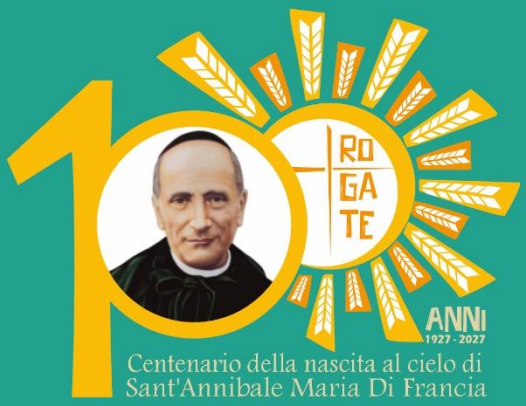
[25] ANNIBALE M. DI FRANCIA *Escritos*, vol. VIII, p. 160, Roma, 2019

[26] TUSINO T. *Padre Annibale M. Di Francia – Memórias biográficas* – Parte quinta – p. 334, Roma, 2017

[27] ANNIBALE M. DI FRANCIA *Discursos*, pp. 444–445

[28] BOVE C. *Madre Nazarena. Uma santidade feminina*, pp. 6-7, Roma, 2022

[29] Papa Francisco



Manda, o Signore,
apostoli santi
nella tua Chiesa!

rcj.org | figliedivinozelo.it